

PARA TIRAR O CERTIFICADO DE APTIDÃO ao cargo de professora do ensino médio, precisei fazer uma prova didática em uma escola em Lyon, no bairro da Croix-Rousse. Era uma escola nova, com plantas nos espaços reservados à administração e ao corpo docente, uma biblioteca com carpete cor de areia no térreo. Ali fiquei aguardando me buscarem para fazer a prova, que consistia em dar uma aula na frente de um inspetor e de dois assistentes, professores de letras muito renomados. Uma mulher corrigia as provas com um ar de superioridade, sem nenhum tipo de hesitação. Bastaria cumprir, na próxima hora, todas as regras para conseguir o certificado que me faria ser como ela pelo resto da minha vida. Diante de uma turma de segundo ano científico, analisei 25 linhas — que deviam estar numeradas — de *O pai Goriot*, de Balzac. Logo em seguida, já na sala da direção, o inspetor me recriminou: “Sua aula foi muito arrastada”. Ele estava sentado entre os dois assistentes, um homem e uma mulher míope de sapatos cor-de-rosa. E eu na frente deles. Durante quinze minutos, o inspetor misturou críticas, elogios e conselhos que eu mal conseguia ouvir, me perguntando se tudo aquilo significava uma reprovação. De repente, os três se levantaram ao mesmo tempo com um ar grave. Também me levantei rápido. O inspetor estendeu a mão. Depois, olhando-me nos olhos: “Meus parabéns, minha senhora”. Os outros repetiram “Parabéns” e me apertaram a mão, a mulher sorria.

Não conseguia deixar de pensar nessa cerimônia, enquanto ia até o ponto de ônibus, sentindo raiva e uma espécie de vergonha. Naquela noite, escrevi aos meus pais contando que fora aprovada e agora tinha o certificado para ser professora. Minha mãe respondeu que eles estavam muito felizes por mim.

Meu pai morreu exatamente dois meses depois desse dia. Ele tinha 67 anos e, ao lado da minha mãe, era dono de um pequeno negócio, um café-mercearia, que ficava em um bairro tranquilo, perto da estação de trem em Y... (na região de Seine-Maritime). Ele tinha planos de se aposentar dentro de um ano. Com frequência acontece, por uns poucos segundos, de eu não saber mais se a cena em Lyon se deu antes ou depois disso, se aquele mês de abril com tanto vento, em que me vejo esperando um ônibus na Croix-Rousse, precede ou se segue ao sufocante mês de junho da morte do meu pai.

Foi em um domingo, no começo da tarde.

Minha mãe apareceu no alto da escada. Ela enxugava os olhos com o guardanapo que provavelmente tinha levado consigo para o quarto depois do almoço. Disse em um tom neutro: “Acabou”. Não me lembro do que aconteceu nos minutos seguintes. O que vejo depois disso são os olhos do meu pai fixos em alguma coisa atrás

de mim, ao longe, e seus lábios levantados por cima da gengiva. Acho que pedi à minha mãe que fechasse os olhos dele. Em volta da cama, estavam também a irmã da minha mãe e o marido dela. Tinham se oferecido para vir ajudar com a toalete e com a barba, era preciso fazer tudo rápido, antes que o corpo ficasse rígido. Minha mãe sugeriu vesti-lo com o terno que ele havia usado pela primeira vez no meu casamento, três anos antes. Toda a cena transcorreu de forma singela, sem choros, nem soluços, minha mãe com os olhos vermelhos e o rosto em um ricto permanente. Os gestos eram tranquilos, sem perturbação, acompanhados por conversas banais. Meu tio e minha tia repetiam “foi tão rápido” ou “como ele está diferente”. Minha mãe se dirigia ao meu pai como se ele ainda estivesse vivo, ou como se tivesse assumido uma forma especial de vida, semelhante à dos recém-nascidos. Muitas vezes, referia-se a ele de forma carinhosa dizendo “meu pobre paizinho”.

Depois de feita a barba, meu tio levantou o corpo e o manteve erguido para que pudéssemos tirar a camisa usada por ele nos últimos dias e substituí-la por uma limpa. A cabeça ficava caindo para a frente, por cima do peito nu coberto de pequenas veias. Pela primeira vez em minha vida, vi o sexo do meu pai. Minha mãe rapidamente o cobriu com um pedaço da camisa limpa, sem deixar de rir um pouco: “Esconde a sua miséria, meu pobre homem”. Ao terminar de arrumar meu pai, juntamos as mãos dele na frente segurando um rosário. Já não sei se foi minha mãe ou minha tia que disse: “Bem melhor assim”, isto é, limpo, adequado. Fechei as persianas e acordei meu filho, que tirava uma soneca no quarto ao lado. “O vovô foi nanar.”

Avisada pelo meu tio, a família que morava em Y... começou a chegar. Subiam comigo e com minha mãe e ficavam diante da cama, alguns instantes de silêncio, depois cochichavam sobre

a doença e o fim repentino. Quando desciam, oferecíamos a eles alguma bebida no café.

Não me lembro do médico de plantão que veio atestar o falecimento. Em poucas horas, a fisionomia do meu pai se tornou irreconhecível. Perto do fim da tarde, fiquei sozinha no quarto com ele. O sol deslizava pelo piso de linóleo através das persianas. Já não era meu pai. O nariz se avolumara e passara a ocupar todo o rosto vazio. Dentro do terno azul-escuro, largo nas laterais do corpo, ele parecia um pássaro deitado. Aquele rosto de homem com olhos bem abertos e fixos no momento seguinte à sua morte tinha desaparecido por completo. Também aquele rosto eu nunca mais veria.

Começamos a pensar no enterro, nas pompas fúnebres, na missa, nos convites, nas roupas de luto. Minha sensação era de que esses preparativos não tinham relação alguma com meu pai. Uma cerimônia que, por um motivo qualquer, não contaria com sua presença. Minha mãe estava muito agitada e contou que, na noite anterior, meu pai tinha tateado no escuro em busca dela para lhe dar um beijo, quando já nem sequer falava. Ela acrescentou: “Ele era muito bonito, sabe, quando era mais novo”.

O mau cheiro começou na segunda-feira. Eu não tinha ideia de como seria. Um fedor adocicado, depois terrível, de flores esquecidas em um jarro de água parada.

Minha mãe fechou a loja apenas no dia do enterro. Senão, perderia clientes e ela não podia se dar ao luxo. Meu pai morto deitado no andar de cima, ela servindo vinho e licores no andar de baixo. Lágrimas, silêncio e dignidade — tal é o comporta-

mento que se espera, em um mundo elegante, quando morre alguém próximo. Mas minha mãe, como aqueles ao seu redor, obedecia a convenções sociais que nada tinham a ver com a dignidade. Entre a morte do meu pai no domingo e o sepultamento na quarta, cada cliente, ao se sentar, comentava o fato em voz baixa, com um tom lacônico: “Foi tão de repente...”; ou, então, com um tom falsamente alegre: “Ora, ora, o patrão entregou os pontos!”. Também confessavam terem se emocionado com a notícia, “fiquei abismado”, “nossa, nem sei o que achar”. Queriam expressar, dessa maneira, que minha mãe não estava sozinha em sua dor, era uma gentileza com ela. Muitos faziam questão de recordar qual fora a última vez em que o tinham visto com saúde, buscando todos os detalhes do último encontro, o lugar exato, o dia, como estava o tempo, o assunto da conversa. Essa descrição minuciosa de um momento da vida em que o simples fato de se estar vivo era algo natural servia para dizer que a morte de meu pai era desconcertante. Era também por gentileza que pediam para ver o “patrão”. Minha mãe, porém, não atendia a todos os pedidos. Separava os bons clientes, que tinham uma simpatia genuína, dos maus, levados pela simples curiosidade. Quase todos os frequentadores do café puderam se despedir do meu pai. A esposa de um fornecedor que morava na vizinhança foi barrada porque meu pai, em vida, não suportava vê-la, “com aquele seu biquinho”.

As pompas fúnebres foram na segunda-feira. A escada que levava da cozinha aos quartos acabou se revelando demasiado estreita para o caixão. O corpo precisou ser guardado em um saco plástico e arrastado, mais do que carregado, pelos degraus até o caixão instalado bem no meio do café, que ficou fechado durante uma hora. A operação foi longa e acompanhada pelas observações dos funcionários sobre a melhor maneira de carregar o corpo, girar na curva da escada etc.